

Homo faber x floresta virgem. Hilda Siri. Da literatura brasileira de expressão alemã¹

Celeste Ribeiro-de-Sousa²

Resumo: O presente texto tem três objetivos: 1. Mostrar a diferença entre “literatura de expressão alemã no Brasil” e “literatura brasileira de expressão alemã”. 2. Oferecer outros ensaios em que esta problemática é apresentada em análise detalhada. 3. Propiciar, a título de ilustração, a leitura direta de uma produção poética no âmbito da “literatura brasileira de expressão alemã”.

Palavras-chave: Brasil alemão; literatura brasileira multilíngue; Hilda Siri.

Zusammenfassung: Dieser Text hat drei Ziele: 1. Den Unterschied zwischen „deutschsprachiger Literatur in Brasilien“ und „deutschsprachiger brasilianischer Literatur“ aufzuzeigen. 2. Andere Essays anzubieten, in denen diese Problematik ausführlich dargestellt und diskutiert wird. 3. Zur Veranschaulichung die unmittelbare Lektüre einer poetischen Produktion im Rahmen der „deutschsprachigen brasilianischen Literatur“ darzubringen.

Schlüsselwörter: Deutsch-Brasilien; mehrsprachige brasilianische Literatur; Hilda Siri.

¹ Este texto foi por mim originalmente apresentado na palestra com o título “A floresta brasileira no olhar poético de Hilda Siri”, pronunciada no dia 24 de maio de 2024 no Deutschland Corner (USP), por ocasião da homenagem aos 200 anos da imigração de língua alemã no Brasil, no âmbito do evento “Saudação da rede? Literatura brasileira de expressão alemã”, promovido pela parceria entre o Curso de Alemão/FFLCH-USP, o Instituto Martius-Staden, a Associação dos Empreendedores e Moradores do Brooklin (Maifest), o Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico (DAAD) e as representações diplomáticas da República Federal da Alemanha no Brasil.

² Celeste Ribeiro-de-Sousa é Professora Sênior do Programa de Pós-Graduação em Língua e Literatura

Alemã da Universidade de São Paulo (USP). É criadora e coordenadora do Grupo de Pesquisa RELLIBRA (Relações linguísticas e literárias Brasil - Países de língua alemã), desde 1993 >

www.rellibra.com.br. É criadora e coordenadora do Macroprojeto de Pesquisa LIBEA (Literatura brasileira de expressão alemã) desde 2006 >

<https://www.martiusstaden.org.br/IMSContenidoRelibra.aspx?codigo=1>. É tradutora e ensaísta.

Introdução

Hilda Siri é uma grande escritora da literatura brasileira de expressão alemã.



Hilda Siri em 1946, aos 28 anos.

10

Pseudônimo de Hilda Iris Zwanziger, nascida Gressler, Hilda Siri nasceu e faleceu no Brasil. Descendente de alemães, veio ao mundo em Ijuí, no Rio Grande do Sul, em 21 de janeiro de 1918 e faleceu em Campinas, São Paulo, em 28 maio de 2007, com 89 anos. Recebeu uma educação alemã esmerada, e detalhes de sua biografia assim como sua obra completa estão disponíveis no e-book Hilda Siri (1918-2007): vida e obra.

Hilda Siri é uma grande representante, uma figura de proa, dessa literatura que eu chamo de “literatura brasileira de expressão alemã”, cujo universo ainda não foi totalmente identificado. E, perante as dificuldades imensas de levar este fenômeno da cultura brasileira ao conhecimento dos brasileiros de todas as idades, principalmente por causa da barreira da língua (ainda hoje poucos brasileiros dominam o idioma alemão), criei em 2006 um macroprojeto de pesquisa interuniversitário e aberto a todos os interessados na matéria com o nome “Literatura brasileira de expressão alemã”, cuja sigla é “LIBEA”.

Neste projeto conjugam-se esforços para levantar o nome de todos os autores e autoras de idioma alemão, residentes no Brasil, que publicaram seus textos poéticos e

ensaísticos predominantemente em editoras brasileiras. Identificados os nomes e os dados biográficos de cada um, procedemos à descoberta e sistematização de suas obras, publicadas no país nos muitos *Kalender* e jornais de língua alemã existentes e preservados em vários arquivos – o maior está em São Paulo no Instituto Martius-Staden. Algumas dessas obras também se apresentam em forma de brochuras. Dependendo do tamanho dos textos, eles são digitados, porque muitos estão registrados em caracteres góticos, e traduzidos para o português. Tudo está on-line na plataforma do citado Instituto Martius-Staden sob a sigla LIBEA.

Sobre a designação “literatura brasileira de expressão alemã”, que substitui a antiga denominação “literatura teuto-brasileira”, há um artigo meu, intitulado “A literatura brasileira de expressão alemã e a crítica”, publicado em 2016 na Revista *Pandaemonium Germanicum*, que se encontra on-line. Neste ensaio, explico entre outros que uma literatura (conjunto considerável de textos com variados graus de poeticidade: poesia, prosa, teatro) produzida sistematicamente no Brasil por imigrantes aqui residentes e por seus descendentes, publicada por editoras brasileiras, que tematiza preponderantemente o país e que apenas não é escrita em português, mas em alemão, é literatura brasileira de expressão alemã. Os teutões remontam à História antes de Cristo e estão muitíssimo distantes da realidade brasileira em torno de 1824, ano oficial a marcar a imigração de gente de idioma alemão para o Brasil. Esta literatura brasileira de expressão alemã tem apenas um ponto comum – o idioma – com a designação ampla “literatura de expressão alemã no Brasil”, que abarca toda a literatura de língua alemã já produzida no mundo, bem como sua tradução, ambas lidas e/ou estudadas no país. No ensaio mencionado também discorro sobre os enormes preconceitos que pesam sobre esta literatura brasileira de expressão alemã até os dias de hoje e os desconstruo.

Sobre o problema do cânone poético brasileiro e este fenômeno literário, protagonizado pela imigração de língua alemã e seus descendentes no Brasil, há igualmente um texto meu com o título “Forçando as fronteiras artificiais do cânone”, no livro *Desafios críticos. Literaturas estrangeiras em pauta*, organizado por Lyslei Nascimento e Neide Nagae, publicado em 2018.³ Nele, mostro que, no âmbito da literatura brasileira de expressão alemã, há produções literárias muito bem construídas, de amplo significado, que atendem às altas exigências preconizadas por um cânone, neste caso o cânone literário e brasileiro⁴.

³ Forçando as fronteiras artificiais do cânone: o caso da literatura brasileira de expressão alemã. In: Nascimento, Lyslei & Nagae, Neide (orgs.). *Desafios críticos. Literaturas estrangeiras em pauta*. Belo Horizonte, Editoras Associadas, 2018, p. 60-80. ISBN 9788566256239.

⁴ Sobre a problemática do cânone há o texto muito sábio de Walnice Nogueira Galvão “As invisíveis”, parte 3, publicado na Revista *A terra é redonda*, de 30.05.24. On-line.

Um panorama comentado dessa literatura brasileira de expressão alemã já foi por mim apresentado em 26 de outubro de 2020 num webinar que organizei, intitulado “Preservação da memória literária do Brasil de língua alemã”, realizado no Instituto de Estudos Avançados da USP, que está on-line para quem se interessar. Nesse webinar, o título de minha apresentação é: “Ontem e hoje. A parte alemã da literatura brasileira” e refere-se às realizações poéticas levadas a cabo por representativos imigrantes de língua alemã e seus descendentes no Brasil até os dias de hoje.

Na segunda parte do presente ensaio, “Homo faber x floresta virgem. Hilda Siri”, retomo o texto atrás referido em *Desafios críticos* e trago à leitura imediata uma das muitas criações de Hilda Siri, valendo-me dela como ilustração e demonstração da minha tese – há pérolas poéticas na literatura criada por imigrantes de língua alemã e seus descendentes no Brasil.

Homo faber x floresta virgem. Hilda Siri

Posto isto, penso que para esta ocasião, que celebra os 200 anos da imigração de idioma alemão para o Brasil, o mais importante é trazer à leitura imediata uma narrativa curta da escritora, que a meu ver, mereceria fazer parte do cânone literário brasileiro, assim como outras mais. Quero com isto dizer que a História da literatura brasileira deveria dedicar um capítulo ao fenômeno da produção poética dos imigrantes e pósteros no país. Trata-se aqui de uma narrativa de Hilda Siri, publicada em 1955 no *Serra-Post Kalender*, depois no livro *Die alte Truhe*, financiado em 1999 pela própria escritora, que conheceu uma segunda tiragem em 2000, e que depois em 2008 foi disponibilizado em forma de e-book – Hilda Siri (1918-2007): vida e obra. Este e-book oferece o acréscimo dos dados biobibliográficos da autora (português), suas peças de teatro, suas crônicas, (original e tradução), a tradução de alguns outros textos, o resumo comentado de sua produção literária (português) e a bibliografia crítica existente sobre sua obra.

A narrativa aqui focada leva o título: *Die Rache des Urwalds* (A vingança da floresta virgem) e foi traduzida por Maria António Hörster, professora da Universidade de Coimbra, colaboradora do nosso mencionado projeto LIBEA.

Mas antes de apresentar os textos da narrativa para leitura, gostaria de justificar minha escolha. E, neste passo, volto a uma passagem de meu ensaio “Forçando as fronteiras artificiais do cânone” acima referido. Digo eu: A vingança da floresta virgem é uma história concisa e concentrada na construção de um único clímax, é contada numa linguagem sóbria, de significativo poder imagético, no desenrolar de uma única cena, em um só dia, por uma narradora que se pode, em parte, confundir com a autora, que registra

suas memórias, tal como o subtítulo “Um destino de imigrante. De uma crônica familiar” (*Ein Einwanderungsschicksal aus einer Familienchronik*) indica, e por uma personagem feminina – mãe de família, emigrada recentemente da Alemanha com o marido e onze filhos. A voz masculina do pai inexistente. A voz masculina vem da floresta. Apenas essa voz é potente e se faz ouvir: a voz de sua grande inimiga – a floresta virgem brasileira, com quem se confronta: mãe e floresta.

Neste ponto, é preciso abrir espaço para comentar uma outra luta paralela entre a língua alemã do original e a língua portuguesa da tradução. Embora o conceito abrangente, inclusivo, de natureza (*die Natur*) seja feminino tanto em português quanto em alemão, a palavra floresta (*der Wald*), tal como árvore (*der Baum*), são substantivos femininos em português, mas em alemão são palavras masculinas. Assim, no original, o inimigo da protagonista é masculino. Trata-se, pois, também de um confronto entre o feminino e o masculino. Na tradução, essa voz masculina e esse confronto entre os gêneros, tendo como pano de fundo o feminino da natureza, se perdem.

A protagonista alemã é uma mulher forte que ombreia com o marido no sustento da família. O confronto com a floresta é seu único modo de sobrevivência. A floresta é o Brasil e o Brasil é a floresta. Uma floresta personificada, vingativa, invadida por forasteiros atrevidos, o que ressoa fortemente nos dias de hoje, assolados pela crise climática e pela derrubada insana das últimas florestas. O preço do embate final entre a floresta masculina e a mãe imigrante é trágico: a mãe de família sucumbe à derrubada de uma árvore, que sobre ela se abate, matando-a. Mas, nos últimos minutos, esta mãe, um Prometeu de saias, ainda incumbe o filho menor de atear o fogo costumeiro à mata. Não há trégua. Na história original, a floresta (*der Wald*), o mato masculino, aniquila o feminino. Na tradução, como se disse, perde-se a luta entre os gêneros. A vitória, embora temporária, pois o filho pequeno haverá de recolocar fogo na vegetação, a vitória temporária cabe apenas à floresta, e aponta para uma vitória da natureza sobre o homo faber, o homem artífice, o homem que tem necessidade de dominar o mundo à sua volta e o faz através de ferramentas que ele mesmo cria, no caso, o facão de mato, o machado, o serrote, as cordas.

Também a morte é apenas a chegada da paz e do silêncio: uma morte aberta, que tanto pode ser recebida como uma morte católica, protestante ou existencialista.

A luta entre a selva e a civilização persiste para além das tragédias familiares. Um tema universal de extrema atualidade, a meu ver, construído com primor. Trata-se igualmente de uma contribuição ao estudo do povoamento do sul brasileiro e suas implicações ambientais. O local e o universal apresentam-se poeticamente entrelaçados nesta narrativa. Ou seja, esta narrativa contém todos os elementos literários que a habilitam à

entrada no cânone.

A narrativa é apresentada a seguir no original e, depois em tradução de Maria António Hörster, como se disse, uma professora da Universidade de Coimbra, colaboradora do Projeto LIBEA e hoje aposentada.

Die Rache des Urwalds

Ein Einwanderungsschicksal aus einer Familienchronik

Hilda Siri

Es ist noch früher Tag. Die ersten Sonnenstrahlen streifen die dunklen Wälder auf den Anhöhen. Doch im Tal, wo ein munteres Bächlein springt, ist es noch neblig und kühl. Ein sauberer, ausgetretener Weg windet sich durch die ‚Roças‘ und führt über Geröll und Gestrüpp den Berg hinan. Dort schreitet eine Kolonistenfamilie zu ihrem Tagewerk. Der Aufstieg wird gefährlicher, je näher sie sich dem Walde nähern. Es gilt ein Stück Urwald zu roden, neues Pflanzland urbar zu machen.

Voran geht der Vater, die Axt gebuckelt, ein großes Hackmesser in der Rechten. Ihm folgen die Söhne, der größte eine Säge tragend, die Kleineren beladen mit Buschmessern, Fuchsschwanz und Tragkörben mit der Tagesnahrung. In groben Hosen oder Röcken, verwaschenen Hemden, an den staubigen Füßen die sandigen Schlappen, so pilgert die zwölfköpfige Familie den Berg hinan. Die Mutter, mit dem Jüngsten an der Hand, bildet den Abschluss. Sie bleiben immer weiter hinter den anderen zurück. Niemand achtet darauf. Sie geht in Gedanken versunken, ab und zu streift ein stolzer Blick die kräftigen Jungen und Mädchen, ihre Kinder. Der Kleine hängt schwer an ihrem Arm und klagt über Steine und Dornen, die seine Füße verletzen.

„Es fällt mir fast zu schwer“, sagt die Mutter. „Ich bin des ewigen Kampfes mit dem Urwald überdrüssig. Ich kann nicht mehr. Ich bin schon müde. Ein Kind nach dem anderen. Und jedes braucht Land. Anfangs um es zu nähren, dann... um ihm Arbeit, Verdienst und Zukunft zu geben. Ich kann die Angst vor der feindlichen Wildnis nicht überwinden.“

Trotzdem ist sie gewiss, dass sie, wenn das Fällen und Roden beginnt, Kräfte haben wird wie ein Mann und nicht ermüden wird. Sie weiß auch, dass der Kampf mit dem grünen böartigen Ungetüm alle zur Begeisterung und immer neuen Kraftproben hinreißen wird. Denn gerade die Urbarmachung ist das Interessanteste und Abenteuerlichste im harten Tagewerk des Kolonisten. Sie ist auch in ihrem tiefsten Inneren fest davon überzeugt, dass sie nicht erlahmen wird, bis der Kleinste versorgt ist, seinen Acker hat und versorgt ist. Sie

freut sich schon jetzt auf diese Zeit, auf ihr Alter und malt sich oft aus, wie schön es sein wird, still auf der Veranda ihres Hauses zu sitzen, die Hände in den Schoß zu legen, und auf das Land zu schauen, auf das besiegte, gebändigte, fruchtbare. Doch dieses Ziel liegt noch in weiter Ferne. Dort oben droht der Wald, der noch besiegt werden muss.

„Ich habe Angst vor dir.“ Sie sucht mit den Blicken die eintönig grüne Fläche, die sich scheinbar bis in die Unendlichkeit ausdehnt. „Ich habe immer gefürchtet, du würdest uns alle verschlingen, bevor wir deiner Herr würden.“

„Setz den Strohhut auf,“ mahnt sie den Kleinen. „Die Sonne sticht schon heftig.“ Sie bindet den Knoten unter dem zarten Kinn und der Junge schmiegt seine kleine Hand wieder in die große schwielige Hand der Mutter. Ein warmer Strom tiefen Glücksempfindens entquillt ihrem Herzen und ihr Mund spricht wieder zuversichtlich und heiter:

„Wir zwei werden ihn schon packen, du und ich, den bösen Wald.“

„Er ist nicht böse“, sagt das Kind, „er ist schön und es gibt dort viel zu sehen. Doch diesmal will ich ihn anzünden, nicht immer der Emil. Ich will das Feuer machen.“

„Ja, diesmal darfst du den Wald anzünden.“

Hatten die alten Bäume, die zähen dicken Schlingpflanzen, das wirre Gestrüpp je ein solches Konzert vernommen?

Sonst lauschten sie dem Rauschen der Baumkronen, dem Rascheln und Rieseln der Blätter, dem Knacken der Äste, dem Aufprall eines mürben Stammes; dem Brüllen der Affen, dem Zirpen und Summen der Insekten, dem Gleiten einer Schlange, dem Ruf der Vögel, dem sanften Schritt eines Jaguars und dem Todesschrei eines geschlagenen Tieres. Urlaute, eintönige Melodien, in der heißen Sonne ein Schlummerlied, bei anbrechender Nacht eine anschwellende Ouvertüre, dann wieder das Brausen eines tobenden Gewitters, rasender Stürme oder wochenlang das eintönige Tropfen des Regens. Doch immer war es die ureigene, ewige Symphonie des jungfräulichen Urwaldes.

Jetzt klingen fremde Töne von Baum zu Baum und erschüttern ihr Wesen in jäher Angst. Sie erzittern in dumpfem Weh und in machtloser Wut. Was sie wahrnehmen ist der Schlachtgesang ihrer Vernichtung.

Der Wald hält den Atem an und lauscht.

Jetzt geht ein Raunen von Stamm zu Stamm. War es die viele hundert Jahre alte ‚Peroba‘, die den Befehl gab?

Sogar die heimtückischen Schlingpflanzen wispern es ihren Ernährern zu und sinkende Blätter teilen es den Gräsern und Farnen mit: Wir wollen uns rächen! Sie sollen nicht ungestraft unsere Herrlichkeit vernichten. Und ein krummer verästelter Baum, der unter seinen Genossen wenig Achtung genießt, lacht hämisch und niederträchtig: „Ich werde den Racheakt ausführen.“

Die Riesen nicken Beifall.

„Fällt mich nur,“ frohlockt der verkrüppelte Baum. „Ich sterbe eines leichten Todes. Denn ich räche den Wald.“

Er wartet gespannt, bis die Axt ihn berührt und blickt wählend hinunter auf Vater, Mutter und Kinder. Kalt und abschätzend folgt er jeder Bewegung. Jetzt spürt er die Schlingen und Stricke, die ihn in die Tiefe ziehen sollen, in die vorgeschriebene Richtung.

Erwartungsvolle Spannung liegt in der Luft. Auch die Menschen sind von ihr ergriffen. Gleich wird er stürzen.

Noch einmal ächzt der Baum, spöttisch und grausam und dann sinkt er um.

Doch nicht dorthin, wo Mann und Söhne ihn ziehen, sondern eigenwillig in eine andere Richtung, und erschlägt mit seinem krummen Knie die Mutter. Sie sah ihn sich neigen, spürte seinen Luftdruck, wollte entweichen, doch im Schreck erstarrt, erhält sie den wuchtigen Schlag, der sie hinstreckt und sie der Sinne beraubt.

Der Wald hält den Atem an und lauscht.

Dann braust er jubelnd auf. Doch sein Lied wird übertönt von dem schrecklichen Schmerzensschrei, der wie aus einer einzigen Brust heraus, sich elf Kehlen entringt.

Vater und Söhne heben mit Aufwand aller Kräfte den Baumstamm von dem zuckenden Körper. Ihr Schweiß mischt sich mit dem Blut der sterbenden Mutter. Der weiche Humus saugt alles gierig auf.

Sie schlägt noch einmal die Augen auf und blickt in die grünen Kronen ihrer Feinde, die ihr noch im Sterben den geliebten Anblick des blauen Himmels rauben.

„Es waren immer meine Feinde,“ die blutleeren Lippen bewegen sich kaum. „Ich ahnte, sie würden mich töten.“

Und lebhafter fährt sie fort: „Laßt den Kleinen den Wald anzünden. Ich habe es ihm versprochen.“

Langes, banges Schweigen, indem der Todesengel sie zärtlich umarmt. „Halte mich fest, Mann, es wird dunkel. Ach, und es wird Ruhe.“

Fontes:

SIRI, Hilda. Die Rache des Urwalds. Ein Einwanderungsschicksal aus einer Familienchronik. In: Serra-Post- Kalender. Ijuí: Ulrich Löw, 1955, p. 107- 110.

ZWANZIGER, (Hilda) Iris. Die Rache des Urwalds. Ein Einwanderungsschicksal aus einer Familienchronik. In: Die alte Truhe. 2ª ed. Campinas: edição da autora, 2000, p. 31-34.

A vingança da floresta virgem**Um destino de imigrante – De uma crônica familiar**

Trad. Maria António Hörster

É ainda manhã cedinho. Os primeiros raios de sol afagam as florestas penumbrosas que se estendem pelas encostas. Mas no vale, em que um regatinho alegre corre saltitando, reinam ainda as névoas e a fresquidão. Um caminho limpo, calcorreado, vai serpenteando pelas roças e, por sobre matos e cascalho, conduz monte acima. É por aí que uma família de colonos vai avançando a caminho da sua labuta diária. A subida torna-se cada vez mais perigosa à medida que se aproximam da floresta. Há que roçar um pedaço de floresta virgem, tornar arável nova terra para cultivo.

À frente vai o pai, de machado ao ombro, empunhando na direita um grande facão do mato. Seguem-no os filhos rapazes, o maior transportando uma serra, os menorzinhos carregados com facas de mato, serrotes e cestos com as provisões para o dia todo.

Vestindo calças ou saias grosseiras, camisas desbotadas, envergando nos pés cheios de poeira as chinelas com areia, é assim que a família de doze elementos vai peregrinando monte acima. A mãe, com o menorzinho pela mão, fecha o cortejo. Vão ficando cada vez mais para trás dos outros. Ninguém repara. Ela caminha mergulhada em pensamentos, de vez em quando um olhar orgulhoso desliza por aqueles meninos e meninas robustos, os seus filhos. O pequeno pendura-se-lhe, pesado, no braço e queixa-se das pedras e espinhos que lhe ferem os pés.

“Quase que é de mais para as minhas forças”, diz a mãe.

“Estou saturada desta eterna luta com a floresta virgem. Já não aguento mais. Já estou cansada. Um filho atrás do outro. E cada um deles precisa de terra. De começo, para o alimentar, depois... para lhe garantir trabalho, o ganho e o futuro. Não consigo vencer o medo desta selva inimiga.”

No entanto, ela tem a certeza de que, quando começar a derrubada das árvores e o arroteamento, terá as forças de um homem e não há-de fraquejar. Sabe também que a luta contra aquele monstro verde e malévolo a todos entusiasma, arrebatando-os a novas provas de força. Pois que o arroteamento é o que há de mais interessante e de mais aventureiro na dura labuta do colono. No mais profundo do seu íntimo também está firmemente convencida de que não há-de esmorecer até o menorzinho ficar amparado, ter o seu campo e ficar amparado. Já se enche de alegria na expectativa desse tempo, da sua velhice, e muitas vezes imagina como há-de ser bom estar sentada na varanda da sua casa, com todo o sossego, repousar as mãos no regaço e olhar para a terra, a terra

vencida, domada, fecunda. Mas essa meta ainda vem muito longe. Lá em cima paira ainda a ameaça da floresta, que ainda tem de ser vencida.

“Tenho medo de ti.” Busca com o olhar a monotonia verde da planura, que parece estender-se até ao infinito. “Sempre receei que tu nos tragasses a todos antes de nos termos assenhoreado de ti.”

“Põe o chapéu de palha na cabeça”, diz para o pequeno, advertindo-o. “O Sol já queima a valer.”

Ata o nó sob o queixinho delicado e o menino volta a anichar a sua pequena mãozinha na mão grande e calejada da mãe. Do coração brota-lhe a corrente calorosa de um sentimento fundo de felicidade e a boca articula, de novo confiante e serena:

“Nós dois havemos de dar conta dela, tu e eu, vencer esta floresta malvada.”

“A floresta não é malvada”, diz a criança, “é linda e há muita coisa para ver. Mas desta vez quero ser eu a atear-lhe, para não ser sempre o Emil. Eu quero atear o fogo.”

“Está bem, desta vez podes ser tu a atear a floresta.”

Será que as velhas árvores, os grossos e tenazes cipós, os matagais emaranhados [alguma vez] ouviram um concerto assim? Das outras vezes escutavam o rumorejar das copas, o farfalhar e ciciar das folhas, o estalido dos ramos, o embate surdo de um tronco apodrecido; os guinchos dos macacos, o estridular e o zunido dos insetos, o deslizar de uma serpente, o chamamento dos pássaros, a passada macia de uma onça e o grito de morte de um animal derrotado. Sons primevos, monótonas melodias, sob o sol escaldante uma canção de ninar, ao cair da noite, uma Ouverture a avolumar-se, depois, de novo, o bramar de uma trovada em fúria, de tempestades enraivecidas ou, semanas a fio, o gotejar monótono da chuva. Mas era sempre a eterna sinfonia própria da floresta virgem, ancestral.

Agora soam sons estranhos de árvore para árvore e abalam o seu ser num medo súbito. Tremem numa dor surda e numa raiva impotente. O que escutam é o cântico de guerra da sua destruição.

A floresta suspende a respiração e fica à escuta.

Agora corre um segredar de tronco a tronco. Terá sido a peroba, velha de muitos séculos, que deu a ordem?

Até mesmo os perversos cipós sussurram àqueles de que se alimentam e folhas em queda passam notícia às ervas e às samambaias: “Queremos vingança! Não há-de ser impunemente que destroem o nosso esplendor”. E uma árvore esgalhada e retorcida, que goza de reduzida reputação entre as suas companheiras, tem um riso perverso e escarninho: “Eu vou executar a vingança.”

Os gigantes acenam a aplaudir.

“Ora deem-me abaixo,” exulta a árvore estropiada. “Morro de uma morte leve.

Pois que vingo a floresta.”

Aguarda, expectante, até que o machado a toca e, fazendo a escolha, deita um olhar lá para baixo para o pai, para a mãe e para a criança. Com frieza, e a avaliar, segue todo e qualquer movimento.

Agora sente as cordas e os cabos que a hão-de arrastar lá para baixo, na direção prescrita. No ar paira uma tensão cheia de expectativa. Que também se apodera das pessoas. Em breve tombará. A árvore geme uma vez mais, cruel e sarcástica, e então cai ao chão. Mas não para onde homem e filhos a puxam, cai, teimosamente, numa outra direção, e com o seu joelho retorcido atinge mortalmente a mãe. Ela viu-a inclinar-se, sentiu a deslocação do ar, quis desviar-se, mas hirta de pânico, é atingida pelo golpe violento que a deita por terra e lhe rouba os sentidos. A floresta suspende a respiração e fica à escuta. Depois irrompe num bramido de júbilo. Mas o seu cântico é sobrepujado pelo terrível grito de dor que se desprende de onze gargantas como se dum só peito se tratasse. Pai e filhos usam todas as suas forças para soerguer o tronco do corpo em estertor. O seu suor mistura-se com o sangue da mãe agonizante. Cúpido, o húmus mole tudo absorve. Ela ainda entreabre os olhos e fita as copas verdes das suas inimigas que, mesmo no momento da morte, lhe roubam a imagem amada do céu azul.

“Sempre foram minhas inimigas,” os lábios exangues mal se movem. “Eu pressentia que elas me haviam de matar.”

E com maior vivacidade, prossegue: “Deixem que seja o pequeno a atear a floresta. Eu prometi-lhe.”

Longo e angustiado silêncio, enquanto o anjo da morte a envolve carinhosamente nos braços. “Segura-me bem, marido, faz-se escuro. Ai, e faz-se a paz.”

Fonte:

SIRI, Hilda. *Die Rache des Urwalds. Ein Einwanderungsschicksal aus einer Familienchronik*. A vingança da floresta virgem. Um destino de imigrante extraído de uma crônica familiar. Trad. Maria António Hörster. In: Ribeiro-de-Sousa, Celeste. Hilda Siri (1918-2007): vida e obra. São Paulo: Instituto Martius-Staden, 2008. ISBN: 978-85-64168-11-4. On-line.



Hilda Siri com 81 anos, mostrando o seu livro *Die alte Truhe*, em 1999.

E eu pergunto como remate: Não gostariam as alunas e os alunos de todas as escolas brasileiras de ler ou de escutar esta história e compará-la com a situação atual?

20

Referências

- RIBEIRO-DE-SOUSA, Celeste. LIBEA – Literatura brasileira de expressão alemã. Disponível em <<https://www.martiusstaden.org.br/IMSConteudoRellibra.aspx?codigo=1>>. Acesso em 27 Maio 2024.
- RIBEIRO-DE-SOUSA. Hilda Siri (1918-2007): vida e obra. São Paulo: Instituto Martius-Staden, 2008. Disponível em <<https://www.martiusstaden.org.br/IMSConteudoRellibra.aspx?codigo=20>>. Acesso em 27 Maio 2024.
- RIBEIRO-DE-SOUSA, Celeste. “A literatura brasileira de expressão alemã e a crítica”. In: Pandæmonium Germanicum 19 (28), out 2016. Disponível em <<https://www.scielo.br/i/pg/a/79tqmzgWsPcq6p5XNwgYrRG/?lang=pt>>. Acesso em 27 Maio 2024.
- RIBEIRO-DE-SOUSA, Celeste. “Forçando as fronteiras artificiais do cânone: o caso da literatura brasileira de expressão alemã”. In: Nascimento, Lyslei & Nagae, Neide (orgs.). Desafios críticos. Literaturas estrangeiras em pauta. Belo Horizonte: Editoras Associadas, 2018, p. 60-80. ISBN 9788566256239. <<https://www.amazon.com.br/Desafios-Cr%C3%ADticos-Literaturas-Estrangeiras-Pauta/dp/8566256239>>. Acesso em 27 Maio 2024.

RIBEIRO-DE-SOUSA, Celeste. "Ontem e hoje. A parte alemã da literatura brasileira". Webinar "Preservação da memória literária do Brasil de língua alemã". Instituto de Estudos Avançados da USP, 26 out. 2020. Disponível em https://www.google.com/search?q=Preserva%C3%A7%C3%A3o+da+mem%C3%B3ria+liter%C3%A1ria+do+Brasil+de+l%C3%ADngua+alem%C3%A3&rlz=1C1GCEA_enBR905BR905&oq=Preserva%C3%A7%C3%A3o+da+mem%C3%B3ria+liter%C3%A1ria+do+Brasil+de+l%C3%ADngua+alem%C3%A3&gs_lcrp=EgZjaHJvbWUyBggAEUYOTIHCAEQIRigAdIBCTMxMTBqMGoxNagCCLACAQ&sourceid=chrome&ie=UTF-8#fpstate=ive&vld=cid:3280ffb4,vid:hRSy9sZzZXg,st:0. Acesso em 27 Maio 2024.

RIBEIRO-DE-SOUSA, Celeste. "A parte alemã da literatura brasileira: ontem e hoje". In: Félix, José Luís (org.). Contos de imigrantes alemães. Assis: Gradus, 2023, p. 23-43. ISBN: 9786588496947. <https://www.graduseditora.com/contosdeimigrantesalemaes>. Acesso em 27 Maio 2024.

SIRI, Hilda. Die Rache des Urwalds. Ein Einwanderungsschicksal aus einer Familienchronik. In: Serra-Post- Kalender. Ijuí: Ulrich Löw, 1955, p. 107-110.

SIRI, Hilda. Die Rache des Urwalds. Ein Einwanderungsschicksal aus einer Familienchronik. A vingança da floresta virgem. Um destino de imigrante extraído de uma crônica familiar. Trad. Maria Antônio Hörster. In: Ribeiro-de-Sousa, Celeste. Hilda Siri (1918-2007): vida e obra. São Paulo: Instituto Martius-Staden, 2008. ISBN: 978-85-64168-11-4.

Alemão disponível em

<https://drive.google.com/file/d/1Y8gAJZ0Sinc5GGHZvC4fcaoCLxJZEZNI/view>.

Português disponível em

<https://drive.google.com/file/d/1ulsEH13S1xwLBQaLR5OkH8zf0HCJ8loe/view>.

Acesso em 27 Maio 2024.

ZWANZIGER, (Hilda) Iris. Die Rache des Urwalds. Ein Einwanderungsschicksal aus einer Familienchronik. In: Die alte Truhe. 2ª ed. Campinas: edição da autora, 2000, p. 31-34.